

## Origem das plantas e de roças tradicionais do povo Karajá

---

Fabio Tuilari Tapirape<sup>1</sup>

---

### RESUMO

O artigo tem como base o conhecimento oral que se fundamenta em história e acontecimento, revelando vários conhecimentos do povo Karajá do Norte e Karajá do Sul. Este trabalho de pesquisa é um fruto que planta nas cabeças dos alunos, envolve a origem das plantas e das roças tradicionais, do povo Karajá (Iny)<sup>2</sup>. Aborda, em geral, como acontecimento de reza, rituais, cerimônias, resguardo, principalmente respeito relacionado à origem das plantas e de roças tradicionais do povo Karajá (Iny). Neste ciclo, o povo Karajá segue a sua norma cultural. O sucesso desse trabalho de pesquisa de estágio dependeu do pesquisador, em organizar suas atividades e também da participação dos alunos, na pesquisa. Professor e alunos receberam apoio dos anciões, na realização dos trabalhos de pesquisa, na aldeia Karajá.

PALAVRAS-CHAVE: Origem. Planta. Iny. Roça. Reza.

### Iny Aõwi Òlona

#### TÛRYBÈNA BUTÈ

Waõmysÿdÿÿna- my ijyy rèðrarunyre iðrarù rbi , timybo aõwi inydèèreny ròhònyre-my, irbi tahè tùù relyyre, timybo wiji bdè-my aõwi iny mahãdu rirsÿ-my ritòbròny rÿira- my tulesÿ aõwimy relyyre aõtyhytyhybo juhoo ryiramyhy alòbròna-my,tainahakÿ-ò rki ijadòma rexiburere tarkihè tamy dubehèdè tai rkihè aõtyty iny mahãdu-ò riwahinyre mai,rùùbreè iharè tyhy tahè rara iwitxira witxira, irbi ramytasÿ relyyre oworu bdédÿÿnana-my bùtùmymy myhÿre,xiwe ijoina-ki irahudi tahè tibo oworu-du mahùdu raoworunymy hÿre aõwi ritòbrònykre-my,iny aõwi ritòbrònykre koki tulesÿ raxiwè myhÿre,juhoo rki iny hÿÿna mahãdu bdèraty dile rÿiramyhÿ taõwirènymy.

RYBÉ WÈRYNA: Tainahakÿ. Bjiù. Bdédÿÿnana. Xiwè.

---

<sup>1</sup> Sou professor da Educação Básica da Secretaria da Educação do Estado do Mato Grosso. Atuo na Escola Estadual Indígena da Aldeia de Hawalòra. Sou graduado pelo Curso de Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil. Sou pesquisador das Epistemologias Iny.

<sup>2</sup> Neste artigo, estou usando de modo alternativo Iny, Iny/Karajá e Karajá, com o mesmo sentido.

## **Origen de las plantas y jardines tradicionales del pueblo Karajá**

### RESUMEN

Este artículo se basa en el conocimiento oral que se basa en la historia y el evento que revela diversos conocimientos de las personas del norte y el sur de Karajá, esta investigación es una frutilla que planta en la mente de los estudiantes que involucra el origen de las plantas y jardines tradicionales de Karajá(Iny). Aborda la investigación en general, como un evento de oración, rituales, salvaguardando principalmente en respeto del origen de las plantas y los jardines tradicionales de Karajá(Iny), dentro de este ciclo la gente de Karajá sigue el éxito de este trabajo de investigación de pasantía depende de la investigación y la organización de su trabajo, también la participación de los estudiantes es muy importante en la investigación y tienen su apoyo para los investigadores como ancianos en la realización de trabajos de investigación en el pueblo Karajá.

PALABRAS CLAVE: Origen. Planta. Iny. Oración. Jardín.

### **Introdução**

Neste artigo, apresento minha experiência pedagógica, do meu quarto estágio, no Curso de Licenciatura em Educação Intercultural, da Universidade Federal de Goiás, com o tema contextual “Origem das plantas e de roças tradicionais do povo Karajá”. A busca do conhecimento para compor o tema contextual foi feita na Aldeia Hawalôra, localizada na Terra Indígena Tapirapé/Karajá, no município de Santa Terezinha-MT.

O interesse em pesquisar o saber do tema teve por objetivo conscientizar os alunos e alunas Karajá sobre a origem das plantas das roças tradicionais do povo Karajá. Parte desta sabedoria está sendo deixada de lado pelos mais jovens, por conta do impacto externo no ciclo da vida do povo Karajá, ou seja, nos processos de educação em cada etapa da vida, que se inicia no nascimento. Esse impacto provoca mudanças culturais que resultam em perda de conhecimentos importantes. Muitas histórias não são mais contadas, muitos cânticos não são cantados, pois a tecnologia do não indígena distrai os/as jovens. Isso pode provocar o apagamento da sabedoria. A escola tem responsabilidade de não deixar isso acontecer.

Daí a importância de uma escola problematizadora, que provoca os jovens e as jovens a perceberem o poder da colonialidade do saber e das seduções externas. Neste contexto educacional, a pesquisa é uma grande aliada. Professores, alunos/alunas e comunidades são convidados a participarem criadoramente do processo de atualização dos conhecimentos tradicionais e a problematizar a realidade contemporânea na qual os indígenas estão envolvidos.

Por meio da pesquisa, os alunos vão buscar conhecimento com os mais velhos. Depois, apresentam na sala de aula. Trocam com os colegas essa sabedoria. Para nós, professores, trabalhar com tema contextual por meio da pesquisa é uma grande conquista pedagógica. Nesse trabalho, contamos com os mais velhos que, por sua vez, são os conhecedores de histórias de origem de plantas e de roça tradicional, do povo Karajá. Os alunos e as alunas fazem a documentação na escrita que, para mim, é como uma documentação na teoria, podendo documentar, também, em áudio, fotografia e, principalmente, na prática cultural. A documentação pode ser na língua nativa do povo Karajá, na língua portuguesa, ou de forma bilíngue, embora aconteça, quase sempre, em língua Karajá, pois é uma conversa com os sábios e as sábias. Trata-se também de um saber especializado que, se for feito em português, perde grande parte dos saberes. Usar a publicação dos conhecimentos Iny/Karajá, principalmente, da origem das plantas e de roças tradicionais do nosso povo, é importante para sustentar a mente dos jovens.

Publicar a pesquisa do estágio pedagógico serve, também, para a conscientização, da sociedade nacional, sobre os saberes indígenas. Esta sociedade deve respeitar o nosso saber. Isso ajudaria a diminuir o preconceito em relação a nós. É importante, ainda, para a universidade tomar ciência dos nossos saberes e das nossas pesquisas, como acadêmico indígena, nela matriculado. A parte intracultural e intercultural exige diálogos de troca e de reconhecimento epistêmico. Este diálogo precisa ficar cada vez mais aberto. A UFG tem muitos alunos e alunas indígenas. Um número maior de não indígenas. Estes universitários precisam trocar diálogos de saberes e de informações culturais. E, assim, vamos construindo um modelo intercultural de educação, na Universidade e no Brasil. Isso ajudaria a diminuir as distâncias entre nós.

## **1. Referenciais Epistêmicos**

As informações contidas na minha pesquisa de autoria Karajá vieram de fontes do conhecimento oral, contada e vivenciada pelo povo Karajá em espaços cotidianos e especializados, como gosta de falar minha orientadora, a professora Maria do Socorro Pimentel da Silva. Contém importante conhecimento sobre história de origem das plantas e de roça tradicional do povo Karajá. A origem das plantas de roça tem sua história. Foi Tainahakỹ que trouxe do céu as sementes para o povo Karajá plantar na Terra. Segundo os sábios Karajá, isso ocorreu quando aconteceu o casamento entre a moça Karajá e Tainahakỹ. A moça o desejava quando o via brilhando no céu. Quando Tainahakỹ veio para a Terra para se casar

com a bela moça, trouxe consigo sementes de varias espécies de plantas comestíveis, para o sustento dos Karajá, que naquela época viviam da coleta de frutas. Quando veio para a Terra fez uma roça escondido do povo Karajá, e ninguém acreditava nele, pois ele se apresentou com aparência de velho. Ele plantou mai (milho), irà (mandioca), rùni (melancia), ara (inhame), òtèrùti (batata doce), tòèra (abóbora), ijata (banana), e muito mais.

Foto 1 – Tòèra



Foto 2 – Mai



Foto 3 – Ruuni



Fonte: Fabio Tuilari Tapirapé (2018).

Nessa época, houve uma festa tradicional e Tainahakỹ trouxe para a festa algumas das plantações da roça, para a cerimônia. Os Karajá ficaram admirados com as plantas. Eram diferentes das que eles conheciam. Foram experimentando o gosto de cada uma. E gostaram muito. Quando as plantas amadureceram, Tainahakỹ as colheu e as levou, para a aldeia, de canoa. Sua esposa distribuiu os produtos da roça entre os parentes. Depois disso, Tainahakỹ contou como cultivar as plantas, e como comê-las. Quando foi embora para o céu, deixou as sementes para os Karajá que continuam, até os dias atuais, plantando esses alimentos. Esse ensinamento é importante para os/as jovens saberem a origem das plantas. Os cantos ligados a esse saber. Tem cantos para a origem das plantas e das roças tradicionais. Também tem os rituais específicos de agradecimentos para cada um deles. São alimentos saudáveis, muito diferente dos industrializados.

Tive um pouco de convivência com esse conhecimento do povo Karajá, ao observar um acontecimento da história de origem das plantas e das roças tradicionais, do povo Karajá, contada pelos sábios, donos desse conhecimento. Ijanaru Karajá relatou-me muito conhecimento. Sua orientação é para os/as jovens Karajá serem multiplicadores da sabedoria Iny, na comunidade. Isso realmente é importante. Essa pesquisa de estágio mostrou-me isso.

Coloquei muito dessa sabedoria na escrita. É isto que o pesquisador indígena deve fazer. Pesquisar nossas histórias, nossos modos, como aprendemos, o que temos hoje em relação à roça e às plantas comestíveis. Tive da fonte oral, muitos saberes para compor o

tema contextual, com conhecimentos relacionados à arte de plantar, cantar e agradecer a quem nos ensinou a saborear os alimentos saudáveis. Isto é importante ensinar na escola. Não aprendemos nossos alimentos dos colonizadores, nem dos livros didáticos. Nossos conhecimentos nos ensinam a pensar a realidade de hoje. O homem branco altera a natureza e, por isso, o mundo será destruído pelo chamado aquecimento global. É preciso reagir. É preciso descolonizar a escola. Queremos nossos valores na escola e não os dos brancos capitalistas.

A importância dos conhecimentos do povo Karajá tem seu benefício para nosso povo e, também, para a sua apresentação, na convivência intercultural, pois, assim muitas outras pessoas vão conhecê-los e nos ajudar a combater o preconceito que já destruiu muitos saberes. Os acadêmicos indígenas desejam ser respeitados em seu modo de vida. Depositamos essa esperança na educação intercultural. Esta se faz no conhecimento de um com o outro.

Daí a importância dos indígenas escreverem suas experiências pedagógicas, seu conhecimento, e o conhecimento gerado nas articulações epistêmicas. Desejo que os acadêmicos não indígenas leiam este texto que, por seu turno, chama para o diálogo intercultural. Este texto é de autoria indígena, de um pesquisador possuidor de conhecimento milenar de seu povo. De um autor que está conectando a escola, aos saberes milenares. Escutando os anciãos e as anciãs, sobre esta proposta e, assim, estamos lutando pela existência de outra escola.

## **2. Metodologia**

A pesquisa foi realizada na comunidade Karajá, da Aldeia Hawalôra, no ano de 2018, juntamente com o conhecedor da História sobre o tema em estudo. Utilizei, na pesquisa, entrevista e a transcrição da fala dos entrevistados, para poder conhecer melhor a história da origem das plantas e de roça tradicional do povo Karajá.

A partir desse estudo, descobri as histórias da origem das plantas e da roça tradicional. Nessa pesquisa de estágio, também utilizei aulas teóricas e a prática de ouvir, dialogando com conhecedores das histórias para facilitar o espalhamento do conhecimento, na sala de aula. Também fiz a documentação do conhecimento, por meio de fotografias. Áudios e vídeos foram utilizados, na sala de aula, para circular o conhecimento entre as pessoas. Parte do trabalho com o tema contextual aconteceu por meio de oficinas. Participaram deste evento, crianças, jovens e adultos, todos colaboraram, em algum ponto de importância, do saber do tema contextual.

Na busca do conhecimento, para compor o tema contextual, contei com a participação dos conhecedores de muitas histórias sobre a origem das plantas e da roça tradicional, como as sábias Ijanaru Karajá, Seija Karajá. Muitas pessoas colaboraram na pesquisa de estágio. Essas pessoas foram muito importantes na colaboração de minha pesquisa e de minhas aulas. Elas me cederam muitas informações e saberes especializados. A metodologia adotada contribuiu de maneira significativa na organização do meu trabalho pedagógico. Além da documentação, feita por mim e, também, pelos alunos e alunas. Outra coisa foi muito importante, a retomada da prática de ouvir histórias e da observação dos conhecimentos nelas contidas.

O conhecimento, que vem da sobrevivência das epistemologias da oralidade, segue vivo, na medida em que essa história é contada de pai para filho. Agora, também, do professor para os seus alunos e as suas alunas. Assim, os/as jovens Karajá acessam esses saberes, em locais específicos e, também, na escola. A educação de casa é sempre na prática. A escola que estamos fazendo é de proteção aos/às jovens. É a educação de várias práticas, oral, leitura, escrita, pesquisa, pergunta, do professor e dos sábios e sábias. Dessa maneira, propiciar aos/às jovens, sentimentos para respeitar os mais velhos, para serem guardiões e guardiãs dessa sabedoria que nos faz Iny/Karajá. As crianças são as continuadoras do nosso saber.

### **Oworu bjiu ldu (Plantas de roças tradicionais)**

Foto 4 – Iny



Foto 5 – Ajiura



Foto 6 – Aõna



Foto 7 – Maiti



Fonte: Fabio Tuilari Tapirapé (2018).

### **3. Reflexões**

Eu acredito que o resultado desta pesquisa de estágio pode ser considerado como importante para o povo Karajá. O ensino pela pesquisa será sempre importante para a formação dos/as jovens. Além disso, esta pesquisa traz informações milenares do povo Karajá. Os conhecimentos tradicionais indígenas são milenares e continuarão existindo enquanto os povos existirem, em suas terras demarcadas, pois os povos são as bases dos conhecimentos. Nosso mundo é composto de grandes sabedorias e de grandes relações com a natureza, com os nossos alimentos, com os nossos rios, lagos, pássaros, animais, além da parte espiritual que temos com esses seres e lugares.

Nossa pesquisa vem criando grande impacto na comunidade. Formando uma escola Iny. Somos admirados por sermos pesquisadores do nosso conhecimento, professor do nosso conhecimento. É assim que minha comunidade me avalia. Estou me formando na universidade e também com os sábios e as sábias da minha comunidade. Tenho possibilitado, com minha pedagogia, atualizar os saberes milenares. Os jovens e as jovens são protagonistas, nesse trabalho, pois estão revitalizando muitos saberes milenares.

### **4. Inovação pedagógica**

Através da pesquisa, a nossa sabedoria vem expandindo nosso conhecimento na escola, por meio do trabalho, como pesquisador, buscando o conhecimento com os anciões para, assim, realizar uma prática pedagógica de renovação dos conhecimentos milenares. Tudo isso é possível por aprender pelo tema contextual. Segundo Pimentel da Silva (2012, p. 22), tema contextual comporta todos os conhecimentos do mundo, pouco importa “o nome da ciência na qual esses saberes estão vinculados. O que importa é o conhecimento a serviço da vida, da cidadania, da solidariedade. Do amor pelo outro. Do bem viver. Da boa convivência”. Conforme Pimentel da Silva (2016, p. 184), “o reconhecimento de outras formas possíveis para a realização da educação escolar indígena incorpora outras considerações cognitivas, artísticas, musicais etc. Essa perspectiva de educação se compõe na contextualidade de expressões corporais e de um fluxo de ideias e emoções que permitem aos envolvidos – alunos, professores e comunidades- operarem semióticas que resultem de sentido de suas vidas para suas vidas, não num pensamento fechado, mas em movimento. A ética e estética de fazer educação, nesses termos, vai na contramão de um pensamento único, hegemônico e colonizador”. Assim, temos buscado caminhos para a construção de propostas de educação

bilíngue intercultural que considerem nossos projetos e nossas demandas. Essa proposta, além de renovar nossos conhecimentos, possibilita acesso a outros e, ainda, a articulação de vários saberes no tema contextual, tudo depende do tema que estamos trabalhando, se ele é do nosso saber ou da ciência ocidental. Muitos temas favorecem à articulação de conhecimentos de matrizes epistêmicas distintas, são os interculturais.

Nas aulas do tema contextual, fiz comparação entre alimentos saudáveis e não saudáveis. Tomar refrigerante, por exemplo, faz muito mal a saúde. Na minha pesquisa, descobri que a maior parte do refrigerante é feito a partir de ácido fosfórico, substância que pode levar as pessoas a terem vários problemas de saúde. Precisamos informar tudo isso na sala de aula e na comunidade. Esta parte os/as alunos/as precisam pesquisar. Todos/as precisam saber dessa realidade para poderem tomar decisões importantes.

A pesquisa é, para mim, uma grande inovação pedagógica. Sinto-me mais inteligente, mais autônomo. A pesquisa trouxe muitas capacitações para os alunos e alunas Karajá, para nós, professores. Sou, hoje, um professor mais capacitado, aprendi muitas coisas através da pesquisa no estágio, trabalhando com o tema “a origem das plantas e da roça tradicional”. Posso chamar essa modalidade de ensino, de pedagogia da coletividade. O que há de inovador nessa proposta? Há muita coisa, talvez a mais significativa seja a de entender que escola não é a do prédio escolar. É muito mais que isso. É a escola que se articula com vários espaços de aprender na comunidade. É a escola que articula professor aos sábios e sábias.

Para nós, a escola está no lago, como nos mostra Bidjawari Karajá (2019), no rio, na mata, nos espaços especializados etc. O ensino pela pesquisa permite acordar os conhecimentos adormecidos do povo Iny. Nessa proposta pedagógica, o aluno aprende na escola, com os sábios, e com as mulheres sábias. A pesquisa é importante porque nos leva a viajar pelo mundo indígena, visitar nosso passado e trazê-lo para o presente, sendo movimentado na escola e nas vidas de todos e todas da comunidade. Esse movimento pode ser chamado de decolonizador. Isso revela como a escola pode ser bela e útil para nós indígenas.

Todo conhecimento indígena é coletivo e é assim que ele é reconhecido na Constituição. Não é conhecimento privado nem público, portanto, precisa ter uma regra diferenciada de proteção. O Estado brasileiro precisa saber respeitar e praticar o que dizem a Convenção da Diversidade Biológica, ratificada pelo Brasil, e a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que se referem aos direitos indígenas. Todos e todas, no Brasil, precisam saber disso. O que coloquei aqui no meu texto remete a vários



contextos e a diversidade de saberes, direitos, leis, e muitos diálogos culturais e interculturais. Isso é inovador para mim. Além disso, mostrei como podemos trabalhar de modo intracultural e intercultural, o mesmo tema contextual. As palavras de ordem são contextualizar, problematizar, pesquisar e espalhar, de modo útil e necessário os conhecimentos na vida das pessoas.

## Referências

BIDJAWARI KARAJÁ, Daniel. Pesca coletiva com timbó do povo Karajá. **Revista Articulando e Construindo Saberes**, Goiânia, UFG, v. 4, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5216/racs.v4i0.58356>. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/racs/article/view/58356>>. Acesso em: 05 fev. 2020.

IJANARU KARAJÁ, Ruth. Takinahakỹ (Iny Anowi kòlòkuna /Origem das plantas de roça tradicionais do povo Karajá). Epistemologias orais Iny. Aldeia Hawalòra, 2018.

KARAJÁ, Seija. Takinahakỹ (Iny Anõwi Kòlòkuna /Origem das plantas de roça tradicionais do povo Karajá). Epistemologias orais Iny. Aldeia Hawalòra, 2018.

PIMENTEL DA SILVA, M. S. A pedagogia da contextualização intracultural e intercultural. Texto inédito, 2012.

PIMENTEL DA SILVA, M.S. Possíveis caminhos para a autonomia da educação escolar indígena. Maria do Socorro, Maria de Lurdes, Ema Marta (Orgs.). **Diversidade cultural indígena brasileira reflexões no contexto da educação indígena**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016, p. 177-192.

Submetido em 24 de março de 2020.

Aceito em 08 de maio de 2020.

Publicado em 12 de maio de 2020.